

Surrealismo: gênese de uma leitura revolucionária

Surrealism: genesis of one revolutionary reading

Thayná Alves Rocha

Licenciada em História

Universidade de Santo Amaro

thaynalves17@gmail.com

Recebido em: 18/07/2018

Aprovado em: 11/09/2019

Resumo: O presente trabalho visa estudar o movimento surrealista criado em 1924, na França, por André Breton para, deste modo, compreender as origens das práticas revolucionárias e os pontos de convergência com as teorias revolucionárias de Karl Marx e de Leon Trotsky. O objetivo implicou observar como a prática literária e as apropriações feitas por André Breton, referente as obras de Trotsky e Marx, influenciaram nas crenças e ações do grupo surrealista, e se tornaram base para as produções do movimento. O método histórico empregado nesta pesquisa analisou documentos, manifestos, cartas e periódicos produzidos por surrealistas, a fim de melhor compreender as ligações das ideologias surrealistas com as ideologias revolucionárias, bem como para melhor entendimento do cenário no qual o grupo está inserido. Os resultados obtidos desvelam a importância e o impacto da prática literária na vida de um indivíduo, assim como no círculo social no qual este está inserido.

Palavras-chave: Surrealismo; Revolução; História da Leitura.

Abstract: The present work aims to study the surrealist movement; it was created in 1924 in France by André Breton in order to understand the revolutionary practices' origins and the convergence's points with the revolutionary theories of Karl Marx and Leon Trotsky. The objective was observing how the literary practice and the appropriations made by André Breton, referring to the works of Trotsky and Marx influenced the beliefs and actions of the surrealist group, and became the basis for the productions of the movement. The historical method used in this research analyzed documents, manifestoes, letters and periodicals produced by surrealists, in order to understand better the links between surrealist ideologies and revolutionary ideologies, as well as to better understand the scenario of which the group is inserted. The results obtained reveal the importance and impact of literary practice in the life of an individual, as well as in the social circle of which he is inserted.

Keywords: Surrealism; Revolution; History of Reading.

Introdução

O presente trabalho visa estudar o movimento surrealista, criado por André Breton (1886-1966), em 1924, na França, como um movimento social que desenvolveu em suas ações artísticas um meio de resistência aos padrões sociais e políticos comuns à época.

Este trabalho se desenvolveu tendo como fontes centrais os manifestos produzidos e publicados na revista surrealista *La Révolution Surréaliste*, sendo o primeiro manifesto publicado no ano de 1925, e o segundo, em 1929, no último número da revista. Também foi estudado o *Manifesto Por Uma Arte Revolucionária Independente*, escrito em 1938, por André Breton e Leon Trotsky (1879-1940), no México.

Além dos manifestos, foram estudadas algumas cartas e artigos escritos por Breton e Trotsky, através do livro organizado por Valentim Facioli (1985), que abrange uma coleção de documentos e textos referentes aos debates e desejos em torno do Surrealismo, e outros escritos acerca das questões sobre a arte revolucionária.

A teoria aplicada neste trabalho faz uso da História da Leitura, a partir de Roger Chartier (1992). Através dos estudos de Chartier, entende-se a trajetória da leitura como uma prática social, através da qual podemos compreender as sociedades, suas necessidades e crenças, considerando as significações sociais dos textos. Com isso, o autor buscou discutir em seu trabalho como a prática da leitura implica nos significados que aquele que lê elabora sobre o texto lido, focando no processo de apropriação do leitor sobre os textos, enfatizando as relações entre o significado do texto atribuído por aquele que o desenvolveu e por seus leitores.

Sendo assim, sob luz da História da Leitura, foi possível analisar o impacto que a leitura teve sob as ações dos surrealistas, principalmente na vida pessoal do criador do Surrealismo, André Breton que, influenciado por pensadores revolucionários como Karl Marx (1818-1883), Leon Trotsky, entre outros, enxergou na arte e na poesia uma forma de militância e luta.

Foram essenciais para este trabalho os livros de Karl Marx, *O Manifesto do Partido Comunista* (1848) e *O Capital* (1867), e as obras de Leon Trotsky, *A Revolução Permanente* (1930) e *Literatura e Revolução* (1923), que possibilitaram fazer algumas associações às escritas surrealistas, entendendo as apropriações feitas por André Breton e seus companheiros, referentes a estas obras, adaptando-as à ação surrealista.

A obra de Michael Löwy, *A estrela da manhã: Surrealismo e marxismo* (2002), possibilitou uma compreensão das teorias e concepções marxistas no Surrealismo. Partindo de sua trajetória, leva-se em conta as visões e experiências dos participantes do movimento e de pensadores que estudavam o grupo.

Para analisar o contexto histórico no qual o grupo estava inserido, foi indispensável a visão de Eric Hobsbawm (2014) em sua obra *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*, pois nela o autor discute o período da Primeira Guerra Mundial, e o cenário social e econômico, mostrando as consequências que o entre guerras trouxe para a sociedade, momento em que surge o Surrealismo e outros movimentos artísticos que fizeram uso da linguagem artística como forma de resistência à realidade que viviam.

Outros autores muito importantes para este trabalho foram Fábio Mascaro Querido (2011), Risolete Maria Hellmann (2012), Maria de Vasconcelos Rebouças (1986), Anderson da Costa (2013), Rita Oliveri (1984) e Eclair Antonio Almeida Filho (2006), que abordam uma variedade de debates em torno do movimento surrealista, contribuindo imensamente para a pesquisa, possibilitando uma análise e reflexão mais aprofundada sobre a temática.

Aproximei-me da temática por conta do interesse particular em estudar o Surrealismo em si, por conta da grande admiração que sempre senti em relação ao movimento e às obras produzidas. Durante os estudos, deparei-me com a questão política que cercava o grupo, sendo uma maneira de respostas às opressões cometidas por uma sociedade burguesa conservadora do período. O Surrealismo nunca foi apenas uma escola literária, assim com o também não se resume apenas a um grupo de artistas e intelectuais. Muito além disso, é "mais propriamente um movimento de revolta do espírito e uma tentativa eminentemente subversiva de re-encantamento do mundo" (LÖWY, 2002, p. 9).

Os ideais revolucionários surrealistas fizeram-me refletir sobre os diversos movimentos artísticos durante a história, percebendo a permanência de um discurso referente à arte e seus limites. Por este motivo, debater o Surrealismo é trazer um debate teórico relevante para a discussão sobre a arte contemporânea e os padrões comportamentais da sociedade, e compreender que a arte, para além de sua estética, dialoga com as necessidades e lutas de diversos movimentos sociais, que buscaram e buscam sair da marginalização que lhes é imposta por

determinados grupos que são favorecidos pelos sistemas sociais, políticos e econômicos existentes.

Com isto, esta pesquisa pretende contribuir com o debate sobre a ação surrealista tendo como objetivo explorar a trajetória do movimento, considerando que o Surrealismo, antes de tornar-se movimento artístico, surgiu com base em teorias de viés revolucionário, envolvendo uma participação política extremamente ativa de seus participantes, que faziam da arte e da poesia um meio para a libertação completa do espírito humano, que, para eles, permanecia até então, escravo das imposições de normas e padrões sociais. Os surrealistas acreditavam que era dever do artista a sinceridade total, assim como estar em completa harmonia com seu interior e seus desejos primitivos, para que pudessem, então, alcançar a emancipação social de homens e mulheres, promovendo a revolução social e o rompimento com a sociedade burguesa.

Tendo em vista a ação política acerca do grupo surrealista, por intermédio de uma sondagem feita nas plataformas da *Capes* e da *SciELO*, foi possível observar que pouco foi produzido referente ao tema analisado nesta pesquisa. De um total de 2006 trabalhos encontrados, aproximadamente 300 estão em português, sendo este um número encontrado somente na plataforma da *Capes*, levando em conta as publicações repetidas de alguns artigos. Já na plataforma da *SciELO*, nenhum trabalho sobre o movimento surrealista foi encontrado. Pode-se concluir que entre estes encontrados poucos se referem à questão da revolução surrealista em si, sendo os tópicos mais explorados os temas referentes à trajetória surrealista, à linguagem e à literatura e às artes visuais no movimento.

Neste sentido, este trabalho visa responder as seguintes problemáticas: como o movimento surrealista expressa a ideia de revolução em suas produções? Quais aspectos do marxismo estão presentes nos manifestos de André Breton? Como se deu a aproximação entre Leon Trotsky e o trotskismo? Quais aspectos do trotskismo estão presentes no pensamento surrealista?

Entre 1914 e 1918, a Europa sofria as consequências da Primeira Guerra Mundial. Ocorreram, neste momento, diversas transformações sociais, políticas e econômicas, as quais criaram nos movimentos artísticos a necessidade de compreender o ser humano, e a sociedade em si, de outras maneiras. Na década de 1920, o mundo sofria a maior crise social, política e econômica da história do capitalismo. Como resultado, desenvolveu-se uma queda no comércio

mundial e na produção de alimentos. Com o passar do tempo, a crise que assolava o setor agrícola foi responsável pelo desabastecimento das cidades, causando desemprego e fome.

Segundo Hobsbawm (2014), "o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram" (2014, p. 30), assim como a economia mundial estagnou no período entre guerras, causando um impacto negativo na economia e na sociedade. Os países europeus ainda se encontravam com grandes problemas sociais após a Primeira Guerra Mundial, situações essas que serviram de engrenagem para a criação dos movimentos artísticos, chamados de vanguardas, pela História da Arte, nas primeiras décadas do século XX.

É neste cenário caótico, que surge o movimento surrealista, na França, nas mãos de André Breton e seus companheiros. Breton nasceu em uma aldeia no oeste francês, em 1896, posteriormente sua família o leva para Paris, quando ele era ainda muito criança. Aos quinze anos, o jovem entrou em contato com a leitura da poesia moderna, pela qual desenvolve enorme paixão, sendo Charles Baudelaire (1821-1867), Stéphane Mallarmé (1842-1898), J-K Huysmans (1848-1907), desde esse período, grandes inspirações.

Em 1913, Breton ingressou na universidade para cursar medicina, por insistência da família. Para ele, "as aulas não eram mais que uma prisão insuportável, de onde fugia recorrendo à imaginação e à fantasia" (COUTO, 1984, p. 12). Em 1916, durante a Guerra, foi mobilizado, como estudante de medicina, para trabalhar em um centro neuropsiquiátrico do hospital auxiliar em Nantes, onde se aproximou da psicanálise e de Freud, após a leitura de um manual de psicanálise. A partir disso, Breton desenvolve grande interesse pelos pacientes do centro, e inicia diversas observações referentes ao mecanismo de funcionamento do pensamento inconsciente, e sobre os delírios e interpretações dos sonhos relatados por eles. Os estudos de Breton o levaram a compreender que os pacientes do hospital apresentavam, em seus distúrbios ou desvios psíquicos, uma forma de insubmissão à realidade vivida.

Nota-se que durante toda a trajetória de vida de André Breton, a leitura sempre esteve muito presente. Os autores citados nesta pesquisa, desde sua adolescência até sua vida adulta, serviram de grande inspiração para a criação do movimento surrealista, como Baudelaire, Freud, Marx e Trotsky. A vida de André Breton entrelaça-se à trajetória do Surrealismo, como Couto (1984) afirma, "falar André Breton é dizer Surrealismo" (1984, p. 7). Foi a partir de suas leituras

que Breton encontrou um meio de desenvolver uma nova linguagem artística e poética, apropriando-se de termos e conceitos de outros autores que, em 1924, transformaria em algo novo.

O movimento dadaísta, ao chegar na França, em 1919, serviu de inspiração e influência sobre André Breton, que ficou encantado com as propostas revolucionárias do grupo. Tão logo, Breton propõe desenvolver um trabalho parceiro com os dadaístas, disponibilizando a revista *Littérature* que, dirigida por ele e alguns colegas, se tornou, naquele momento, uma espécie de órgão oficial do Dadaísmo.

O niilismo dadaísta era, para Breton, um grande erro, e durante o período que participou do movimento, compreende-se que suas necessidades não foram supridas pela proposta dadaísta. Com isto, André Breton buscou formular uma nova proposta artístico-literária, que pudesse levar ao mundo não somente o pessimismo causado pelo caos social da época, mas promover uma crítica social a partir de elementos da magia e do sonho, utilizando como método a exploração e o transcender do inconsciente individual.

Pode-se observar, então, que o Surrealismo despertou do niilismo encontrado no Dadaísmo, desenvolvendo uma nova maneira de analisar o mundo. Como cita Alexandrian (1976), o Surrealismo não teria existido sob a forma que se conhece, sem a experiência Dadá.

Os surrealistas tiveram um treino físico e espiritual durante esses dois anos, que os fez encarar os problemas, a partir de então, com um conhecimento do combate de vanguarda que não possuíam antes. Seria falso dizer que o Surrealismo nasceu depois do Dadá, como uma fênix renascendo das cinzas. Ele apareceu durante o Dada e tomou consciência dos seus meios no decorrer da sua ação política. (ALEXANDRIAN, 1976, p. 49)

Assim como no movimento dadaísta, o Surrealismo buscava desenvolver críticas à sociedade burguesa, a partir de uma produção revolucionária, em que os métodos de produção artística e literária serviram como resposta às opressões cometidas por essa sociedade. O Surrealismo possui em sua essência uma radicalização no desejo de liberdade, contra o convencionalismo, a tradição e os valores da cultura ocidental.

A luta surrealista se dava contra a visão de realidade lógica e do conservadorismo encontrados na sociedade burguesa. Seus mentores queriam, através do movimento, re-encantar o mundo, trazendo para o homem momentos considerados mágicos, sufocados pela sociedade burguesa e seus costumes.

O Surrealismo perdurou até pouco tempo depois da morte de André Breton, em 1966. Mesmo com o fim do movimento surrealista, toda a inspiração poética e revolucionária perdura em sua história, servindo como combustível utópico para a reafirmação da possibilidade de um futuro, como afirma Querido (2011). O Surrealismo ainda se mantém vivo na memória e nos sonhos mais profundos daqueles que ainda creem na revolução pela arte.

As origens do pensamento revolucionário no Surrealismo e o impacto do pensamento marxista

A ideia de André Breton com a criação do Surrealismo foi romper com o padrão artístico e, desde a formação do movimento, negou que o grupo seguisse uma doutrina específica. Teve como objetivo, por meio de suas produções e ações, expor as novas necessidades do momento vivido. As ações do grupo se dão pela revolta absoluta contra a estética artística e poética, a fim de alcançar a liberdade total da imaginação e da inspiração humana.

O Surrealismo repousa sobre a convicção de que no espírito humano há tesouros escondidos. Esta convicção levou-o a proclamar que existem, no legado cultural do passado, personalidades e obras a descobrir que deveriam ser preferidas aos nomes e títulos venerados pelo ensino oficial. Houve na sua ação uma vontade constante de remodelar a história da arte, de demonstrar ao público que os artistas que ele estava habituado a admirar, de Rembrandt, a Rubens, eram de interesse menor, enquanto outros, esquecidos ou malditos durante muito tempo, mereciam ser citados como exemplo. (ALEXANDRIAN, 1976, p. 13)

Os poetas e pintores surrealistas estavam unidos para protestar contra todos os abusos e privilégios intelectuais, denominavam-se os “especialistas da revolta”, justificando seus atos como uma preocupação em denunciar os obstáculos que impediam os indivíduos de viverem a vida como uma aventura poética, bem como uma reformulação do modo que a História e a arte eram construídas, através do ensino oficial.

Em 27 de Janeiro de 1925, foi declarado pelos surrealistas que o movimento não possuía um caráter de expressão novo ou fácil, mas sim um meio de libertação total do espírito e de tudo que se lhe assemelha. O Surrealismo contou, em sua essência, com um gosto pela revolução, um desejo de rompimento com a tradição e com o conservadorismo, impregnados na sociedade ocidental burguesa. Como é possível observar na obra de Couto (1984), referente às ideias e à vida de Breton:

A miséria do mundo: o homem é um animal mutilado, privado há séculos de sua metade mais bela, a metade do sonho, da noite e da magia. Cortado o cordão umbilical que o integrava ao cosmo, ele é jogado à arena da História, da

agressão à natureza, das contradições sociais. A ciência proscrive e a religião manipula o desejo que temos de sermos inteiros, de atingirmos o absoluto. A família nos ensina desde o berço a nos conformarmos com nossa condição de mutilados; a polícia e os hospitais psiquiátricos cuidarão dos que se rebelarem, que o digam Sade, Baudelaire, Van Gogh e Artaud. (COUTO, 1984, p. 72)

Para os surrealistas, a revolução se daria com a quebra das correntes em relação às instituições sociais, pois estas, como apresenta o trecho anterior, são responsáveis por moldar os indivíduos conforme as regras morais dos grupos em que estão inseridos. Breton (1985) afirma: "Deve-se fazer tudo, todos os meios devem ser bons, para destruir as ideias de família, pátria, religião" (1985, p. 103). É possível compreender que essas convicções, como relata Anderson da Costa (2013, p. 4), revelava para os surrealistas que, para haver o surgimento do "novo homem", no sentido marxista do termo, era essencial que o indivíduo rompesse e se libertasse dos padrões e normas ditadas pela sociedade burguesa.

Nascia, em 1924, a revista surrealista *La Révolution Surréaliste* que, para seus criadores, era a revista mais escandalosa do mundo, na qual publicavam-se diversos contos, poesias, crônicas, análise de sonhos, pinturas e colagens. Foi nela que André Breton publicou seu Primeiro Manifesto, no ano de 1925, oficializando o movimento surrealista, buscando fazer transcender a liberdade individual de cada ser: "Só o que me exalta ainda é a única palavra: liberdade." (BRETON, 1985, p. 35). A liberdade para Breton se dá a partir da imaginação, fazendo uma ponte entre o estado de vigília com a realidade do sonho que, para ele, é uma única realidade.

Desde o surgimento do Surrealismo, é possível notar, na escrita do primeiro manifesto por Breton, o objetivo do movimento de revolucionar o meio artístico-literário, no entanto, não é encontrado nenhuma menção direta às teorias de Karl Marx. O Manifesto de 1925, escrito no ano anterior à sua publicação, é marcado pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud, na qual os artistas faziam uso da análise dos sonhos e da escrita automática para se ter acesso ao inconsciente e, com isso, expor os desejos e sentimentos reprimidos pela moral exigida pela sociedade.

Breton trouxe a proposta de revolução partindo da linguagem, da arte e da poesia. Para ele, a poesia se apresenta, neste momento, como a única capaz de manter o indivíduo em estado anárquico, para então romper com as rivalidades e seleções absurdas, interligando, assim, a teoria surrealista à teoria marxista, que começa a influir no movimento a partir do ano de 1925, quando Breton teria se aproximado da obra *Lênin* de Leon Trotsky. A influência foi expressiva, a ponto

de Breton publicar, no número cinco da revista *La Révolution Surréaliste*, uma resenha acerca das impressões que a obra lhe causou, além de defender os ideais de Lênin e da Revolução Russa em sua escrita.

Na concepção de Breton, o marxismo foi incorporado no Surrealismo como o antídoto contra o racionalismo positivista. Observa-se sua crítica ao racionalismo e ao realismo mesmo antes da adesão definitiva ao materialismo histórico. Pode-se confirmar a oposição ao pensamento positivista analisando o seguinte trecho do Manifesto de 1925:

O processo da atitude realista deve ser instruído, após o processo da atitude materialista. Esta, aliás, mais poética que a precedente, implica da parte do homem um orgulho sem dúvida monstruoso, mas não uma nova e mais completa deposição. Convém nela ver, antes de tudo, uma feliz reação contra algumas tendências derrisórias do espiritualismo. Enfim, ela não é incompatível com uma certa elevação de pensamento. Ao contrário, a atitude realista inspirada no positivismo, de São Tomás a Anatole France, parece-me hostil a todo impulso de liberação intelectual e moral. Tenho-lhe horror, por ser feita de mediocridade, ódio e insípida presunção. É ela a geradora hoje em dia desses livros ridículos, dessas peças insultuosas. Fortifica-se incessantemente nos jornais, e põe em xeque a ciência, a arte, ao aplicar-se em bajular a opinião nos seus critérios mais baixos; a clareza vizinha da tolice, a vida dos cães. (BRETON, 1985, p. 36)

Como apresentado no trecho anterior, Breton acredita que o positivismo é responsável pela limitação do intelecto do indivíduo, questão essa que tem ligação com a teoria apresentada por Marx, que afirma que o positivismo produz a incapacidade de fazer com que haja um rompimento com os mecanismos de alienação.

A ideologia surrealista converge com a teoria marxista em diversos pontos, vale ressaltar a crítica moral de Marx ao capitalismo, através da qual ele salienta as desigualdades sociais gritantes que o capitalismo gera, sendo responsável por impedir que os indivíduos desenvolvam suas potencialidades, e de tornar o ser humano plenamente realizado, de modo emocional e intelectual. Assim como Marx, Breton condena o sistema capitalista pela degradação e desumanização do indivíduo, que, a partir da desumanização da classe operária, deforma as personalidades individuais de cada ser, transformando as atividades necessárias à sobrevivência em mercadorias (HUNT; SHERMAN, 2005, p. 96).

É no ano de 1925 que se observa, mais claramente, um engajamento político no grupo. A união da poesia com a prática revolucionária toma espaço, trazendo proposições retomadas de Karl Marx e Arthur Rimbaud: "transformar o mundo, segundo Marx; mudar a vida, segundo

Rimbaud" (REBOUÇAS, 1986, p. 20), essas palavras tornaram-se palavras de ordem para os surrealistas. Mas afinal, quais aspectos da teoria marxista estão presentes no Surrealismo? Como os manifestos expõem isto?

Os estudos sobre o marxismo levantados nesta pesquisa apontam a pluralidade de interpretações sobre a teoria original de Marx, de modo que são observadas as diversas vertentes alternativas de uma tradição teórico-política. Sendo assim, as análises documentais que foram feitas nesta pesquisa, indicaram um tipo de marxismo no movimento surrealista, como relata Michael Löwy (2002), o marxismo gótico¹ de Breton, mais propriamente "um materialismo histórico sensível ao maravilhoso, ao momento negro da revolta, à iluminação que dilacera, como um raio, o céu da ação revolucionária" (2002, p. 32).

O marxismo de Breton distingue-se também da tendência racionalista/cienticista, cartesiano/positivista, fortemente marcada pelo materialismo francês do século XVIII – que dominava a doutrina oficial do comunismo francês – por sua insistência na herança dialética hegeliana do marxismo. (LÖWY, 2002, p. 33)

Sobre Hegel, Breton afirma:

Hegel, em sua *Estética*, enfrentou todos os problemas que podem ser tidos atualmente, no plano da poesia e da arte, como os mais difíceis, os quais, com sua lucidez sem igual, em sua maioria ele resolveu [...] Afirmando que ainda hoje é Hegel que se precisa interrogar sobre os bons ou maus fundamentos da atividade surrealista nas artes. (BRETON, 1972 apud LÖWY, 2002, p. 33)

Breton acreditou, insistentemente, na importância dos fundamentos hegelianos para a criação surrealista, proclamando em seu discurso no Congresso dos Escritores pela Defesa da Cultura, em junho de 1935, que o materialismo dialético era a única teoria capaz de combater de frente as crenças positivistas e racionalistas.

Contudo, foi no Manifesto de 1929 que apareceu oficialmente a adesão dos surrealistas ao materialismo histórico e sua aproximação com o marxismo.

A crença nos pontos de convergência entre marxismo e Surrealismo, como o desejo de rompimento com a sociedade burguesa, com os padrões impostos por ela em todos os âmbitos sociais que levam a alienação dos indivíduos, como o conservadorismo, o tradicionalismo, seguindo as ideias de família, pátria e religião, e a necessidade de uma revolução para o

¹ Define-se por uma forma de pensamento que analisa as formas culturais do passado pré-capitalista e, como afirma Löwy, rejeita a racionalidade fria e abstrata da sociedade industrial moderna. Ver obra: LÖWY, Michael (2002, p. 32).

rompimento total com o capitalismo, levou os surrealistas à aproximação nada harmoniosa com o Partido Comunista Francês, durante dez anos, de 1925 até 1935.

De acordo com Anderson da Costa (2013), após 1925, alguns membros do grupo surrealista passam a integrar o Partido Comunista Francês, "tão logo aceitos pelo PCF passam a divergir abertamente em relação às práticas revolucionárias do partido" (2013, p. 1). Para este autor, a passagem pelo Partido é considerada uma fase turbulenta dentro do movimento surrealista, pois:

Tal aproximação levou a momentos de dramática tensão no interior do surrealismo, em especial no Grupo de Paris, tendo como consequência o afastamento voluntário e a expulsão de alguns dos seus principais membros, além do suicídio de René Crevel em 1935 durante o Congresso dos Escritores para a Defesa da Cultura, o qual marcará o rompimento definitivo, não exatamente com o marxismo, mas sobretudo com o stalinismo, então predominante na maioria dos partidos comunistas da época. (COSTA, 2013, p. 3)

Os textos estudados para o desenvolvimento desta pesquisa apontam que neste momento o Surrealismo aproximou-se das posições de Leon Trotsky, e da Oposição de Esquerda, que se denominava como um grupo político existente dentro do Partido Bolchevique, no período de 1923-1928, que se opunha à política stalinista. Logo, mesmo com a filiação dos surrealistas ao Partido Comunista e à Assembleia dos Escritores e Artistas Revolucionários (AEAR) – que considerava Trotsky e suas ideias uma forma de traição à Revolução de Outubro – é possível compreender os primeiros momentos de manifestações em defesa de Trotsky dentro do Surrealismo.

Surrealismo e Trotskismo: por uma arte revolucionária independente

Por intermédio de Marguerite Bonnet (1975), entende-se que a relação entre Breton e o trotskismo já era existente desde os primeiros anos do Surrealismo, quando Breton publica, em 1925, na *La Révolution Surréaliste* um artigo "acerca das impressões que lhe causaram a leitura do livro que o comandante do Exército Vermelho escrevera sobre o líder da Revolução Russa." (COSTA, 2013, p. 3). Ele finaliza o texto com a seguinte afirmação:

Viva Lênin, portanto! Saúdo humildemente Leon Trotsky, a ele que pôde, sem o auxílio de muitas ilusões que nos restam e talvez sem, como nós, crer na eternidade, manter para o nosso entusiasmo esta inesquecível palavra de ordem: "E se o sino sobrar a finados no Ocidente – e dobrará –, poderemos estar

enterrados até o pescoço em nossos cálculos, em nossos balanços, na N.E.P.², mas responderemos à chamada sem hesitação e sem demora: somos revolucionários da cabeça aos pés, já o fomos e assim permaneceremos até o fim. (BRETON, 1925 *apud* FACIOLI, 1985, p. 76-77)

O que foi constatado a partir do estudo dos documentos no presente trabalho, foi a existência de cartas que legitimam a aproximação entre ambos, e que comprova que o afastamento dos surrealistas do PCF foi necessariamente o desligamento com a AEAR e com o stalinismo.

Os surrealistas romperam completamente com o Partido Comunista Francês em 1935, em oposição às suas práticas, que tinham ligação com a política stalinista. Löwy (2002) relata que o rompimento com o Partido Comunista, não foi um rompimento com as ideais revolucionárias, muito menos com os ideais marxistas, mas sim com "o oportunismo de Stalin" (2002, p. 34), que ao implantar o socialismo em um único país, desligou-se totalmente das aspirações revolucionárias da Revolução Russa, logo, desligou-se das diretrizes marxistas. A Revolução foi reduzida ao nacional, o que ia contra o objetivo de destruição do sentimento nacionalista responsável, segundo os revolucionários, pelos grandes conflitos capitalistas, fato que causou grande revolta em Trotsky, bem como todos aqueles que se aliaram à Oposição de Esquerda, inclusive André Breton e seus companheiros surrealistas.

De acordo com Netto (1985), as concepções stalinistas não trouxeram de forma alguma as ideias originais do pensamento socialista revolucionário, e, ao que indica, era precário o conhecimento de Stalin referente aos textos e a teoria de Marx. Sendo assim, toda trajetória turbulenta no PCF, levou Breton a crer que a figura de Leon Trotsky, era a personificação do comunismo puro, da Revolução não corrompida.

Como Trotsky afirma em sua obra *Revolução Permanente*: "Nem sempre a história marcha direito. Passa, às vezes, pelos becos escuros de Stalin." (TROTSKY, 1979, p. 91). Em diversos parágrafos e trechos de *Revolução Permanente*, Trotsky afirma que a campanha de ódio contra a revolução internacional foi apenas uma forma de perseguição política a ele e não a uma oposição de sua teoria, e expõem os abusos que o stalinismo estava cometendo contra a própria Revolução Russa.

² Sigla da Nova Política Econômica, criada em 1921, durando até 1928. Foi a política levada pelo Partido Comunista e o Estado Soviético durante o período de transição do capitalismo ao socialismo. Ela se rompe quando Stalin começa a coletivização forçada gerando, por consequência, a morte e a deportação de muitas pessoas na U.R.S.S. Ver obra: FACIOLI, Valentim (1985, p. 77).

A campanha de ódio contra a revolução permanente serviu, apenas, para abrir caminho à teoria do socialismo num só país, isto é, do nacional-socialismo recentemente formado. Essas novas origens sociais da luta contra o "trotskismo" não trazem, naturalmente, nenhum argumento contra ou a favor da teoria da revolução permanente. (TROTSKY, 1979, p. 38)

Desta forma, de que maneira a teoria trotskista se apresenta no Surrealismo e como se deu a aproximação de Breton com Trotsky?

A luta de André Breton contra as ordens burguesas e a censura cometida pelo regime encontrado na então URSS, durante o período em que Stalin esteve no poder, sempre foi muito marcante, e o fato que mais interliga as ideologias surrealistas com o trotskismo foi a defesa pelo comunismo oficial, com a ideia de revolução continuada, ou permanente.

A revolução socialista começa no âmbito nacional, mas ele não pode permanecer. A revolução proletária não pode ser mantida em limites nacionais senão sob a forma de um regime transitório, mesmo que este dure muito tempo, como demonstra o exemplo da União Soviética. No caso de existir uma ditadura proletária isolada, as contradições internas e externas aumentam inevitavelmente e ao mesmo passo que os êxitos. Se o Estado proletário continuar isolado, ele, ao cabo, sucumbirá vítima dessas contradições. Sua salvação reside unicamente na vitória do proletariado dos países avançados. Deste ponto de vista, a revolução nacional não constitui fim em si, apenas representa um elo da cadeia internacional. A revolução internacional, a despeito de seus recuos e refluxos provisórios, representa um processo permanente. (TROTSKY, 1979, p. 24-25)

A teoria da revolução permanente, citada anteriormente, já era defendida por Marx no *Manifesto do Partido Comunista*, nas palavras dele: "proletários de todos os países, uni-vos!" (2009, p. 103). Bem como em todo o processo revolucionário, no qual é possível compreender que para a eficácia da vitória do proletariado sobre o sistema capitalista e suas normas, a revolução teria que ser em escala global.

Os surrealistas tinham como objetivo a contribuição para a promoção do proletariado e de sua revolução, que deveria destruir a sociedade capitalista. Breton prosseguiu um verdadeiro apostolado, como discute Alexandrian (1976), que consistia em convencer as organizações de esquerda de que a arte revolucionária não deveria ser uma arte de propaganda, mas sim, a arte que pudesse liberar, de toda forma, os verdadeiros sentimentos humanos. Ao escrever o livro *Position politique du Surréalisme*, em 1935, Breton declara sua posição perante a necessidade de liberação da arte, sendo que esta deveria permanecer desligada de qualquer espécie de finalidades práticas, pois ela perderia seus verdadeiros significados. Esta declaração tomaria mais força

posteriormente, quando Breton escreveria ao lado de Trotsky, o *Manifesto por uma arte revolucionária independente*, em 1938.

O encontro entre ambos não foi fruto do acaso, podem-se observar uma necessidade histórica e a consequência de uma longa evolução política. Como já referenciado, os surrealistas e André Breton opuseram-se, desde o começo da década de 1930, às atitudes tomadas pelo Partido Comunista e pela Internacional Comunista, sendo oposição à proposta imposta pelos teóricos da AEAR e da Associação Russa dos Escritores Proletários (AREP), sustentando seus argumentos baseando-se nas teorias de Trotsky referente ao que este defendia em sua obra *Literatura e Revolução*. Em 1934, Breton e seus companheiros defendem abertamente Trotsky, em um panfleto nomeado de *Planeta sem Passaporte*, quando o revolucionário é expulso da França.

Os laços entre André Breton e Trotsky tornaram-se mais fortes quando, em 1938, Breton viaja ao México, para a cidade de Coyoacán, a fim de conhecer pessoalmente o teórico da *Revolução Permanente*. Esse encontro foi marcado pela formação da Federação Internacional da Arte Revolucionária (FIARI), que serviu como uma tentativa de oposição à arte encontrada no governo de Stalin, à AEAR e à AREP, da qual Breton fez parte durante sua ligação com o PCF.

A arte produzida na URSS, naquele período, era chamada de realismo-socialista, onde a arte e a literatura se tornaram um instrumento de propaganda política, da qual Breton e Trotsky sempre declararam descontentamento e desaprovação.

A infeliz imprensa soviética, evidentemente por ordem superior, queixa-se com insistência nesses últimos dias do "empobrecimento" da produção científica e artística na URSS e reprova os escritores e artistas soviéticos por falta de sinceridade, de ousadia e de envergadura. É inacreditável: a jiboia dá ao coelho uma lição de moral sobre a independência e a dignidade pessoal. Hediondo e ignóbil quadro, bem digno, entretanto, de nossa época. (TROTSKY, 1938 apud FACIOLI, 1985, p. 49)

Breton, em 11 de novembro de 1938, em seu discurso para comemoração da Revolução Russa, relata sobre a visita a Leon Trotsky, bem como suas posições referentes à arte proletária, apresenta a ideia de que a arte do governo stalinista entraria na história como a expressão do declínio da arte proletária, pois a arte, a ciência ou a poesia não pedem ordens e não as toleram. Neste processo, toda prática artística foi controlada pelo Partido Comunista. Tendenciosa, a proposta era produzir obras que promovessem a Revolução, de modo em que as personagens deveriam ser divididas em duas categorias, os bons seriam retratados como os comunistas, e os maus, aqueles que não concordavam com as práticas stalinistas.

É de grande impacto as teorias e obras trotskistas na vida de Breton e nos seus atos políticos e sociais, de modo que são incorporadas no próprio movimento surrealista. No relato intitulado *Visita a Leon Trotsky*, Breton finaliza seu discurso com as seguintes palavras: "Saúdo o camarada Trotsky, soberbamente vivo e que verá de novo soar a sua hora, saúdo o vencedor e o grande sobrevivente de outubro, saúdo o teórico imortal da revolução permanente." (BRETON, 1938 *apud* FACIOLI, 1985, p. 64).

Analisando a carta nomeada *Pela liberdade da arte*, Trotsky dirige a Breton as seguintes palavras:

A luta pelas ideias da revolução na arte deve começar novamente pela luta pela verdade artística, não no sentido de tal ou tal escola, mas no sentido da fidelidade inabalável do artista a seu interior. Sem isso não há arte. "Não mentirás", essa é a fórmula da salvação [...] A FIARI, evidentemente, não é e não pode tornar-se uma escola estética ou política. Mas a FIARI pode arejar a atmosfera em que os artistas têm que respirar e criar. A criação verdadeiramente independente em nossa época de reação convulsiva, de declínio cultural e retorno à selvageria não pode deixar de ser revolucionária pelo seu próprio espírito, pois não pode procurar uma saída para uma intolerável sufocação social. Mas que a arte, no seu conjunto, que cada artista, em particular, procurem essa saída por seus próprios meios, sem esperar alguma ordem do exterior, sem tolerar e rejeitando-a e cobrindo de desprezo todos os que se submetem a ela. (TROTSKY, 1938 *apud* FACIOLI, 1985, p. 49)

A criação da FIARI foi o ápice da luta em que Breton tanto acreditou, a partir dela foi produzido por ele, Trotsky e Diego Rivera, o *Manifesto Por uma Arte Revolucionária Independente*. Este manifesto pode ser considerado o documento mais importante para a comprovação da união do Surrealismo e do trotskismo, unindo os ideais de luta e resistência, e busca pela emancipação do homem através da arte e da poesia, ideias que Breton sempre cultivou em seus textos e declarações acerca do movimento surrealista, como podemos ver no trecho seguinte:

Reconhecemos, é claro, ao Estado revolucionário o direito de defender-se contra a reação burguesa agressiva, mesmo quando se cobre com a bandeira da ciência ou da arte. Mas entre essas medidas impostas e temporárias de autodefesa revolucionária e a pretensão de exercer um comando sobre a criação intelectual da sociedade, há um abismo. Se, para o desenvolvimento das forças produtivas materiais, cabe à revolução erigir um regime socialista de plano centralizado, para a criação intelectual ela deve, desde o começo, estabelecer e assegurar um regime anarquista de liberdade individual. Nenhuma autoridade, nenhuma coação, nem o menor traço de comando! [...] consideramos que a tarefa suprema da arte em nossa época é participar consciente e ativamente da preparação da revolução. No entanto, o artista só pode servir à luta emancipadora quando está compenetrado subjetivamente de seu conteúdo

social e individual [...]. (BRETON; TROTSKY, 1938 apud FACIOLI, 1985, p. 42-43)

O Manifesto da FIARI apresenta de modo impactante as teorias marxistas e trotskistas, abordando diversas questões relacionadas às críticas sobre a censura artística e literária na URSS, temática debatida pelo próprio Trotsky em sua obra *Literatura e Revolução*.

Tanto para Trotsky, como para Breton, a arte é necessariamente emoção, que exige do artista ou poeta a sinceridade total. Neste contexto, há um desejo de unir, como eles mesmos sugerem no manifesto, os marxistas e anarquistas, para a luta contra qualquer tipo de política reacionária, "a arte revolucionária independente deve unir-se para a lutar contra as perseguições reacionárias e proclamar bem alto seu direito à existência" (BRETON; TROTSKY, 1938 apud FACIOLI, 1985, p. 45).

Vale ressaltar que para Breton e Trotsky, a produção artística, literária e científica não deveria ser usada como mercadoria, pois:

A ideia que o jovem Marx tinha no papel do escritor exige em nossos dias, uma retomada vigorosa. É claro que essa ideia deve abranger também, no plano artístico e científico, as diversas categorias de produtores e pesquisadores. O escritor, diz ele, deve naturalmente ganhar dinheiro para poder viver e escrever, mas não deve em nenhum caso viver e escrever para ganhar dinheiro... O escritor não considera de forma alguma seus trabalhos como um meio. Eles são o objetivo em si, são tão pouco um meio para si mesmo e para os outros que sacrifica, se necessário, sua própria existência à existência de seus trabalhos... A primeira condição da liberdade de imprensa consiste em não ser um ofício. (BRETON; TROTSKY, 1938 apud FACIOLI, 1985, p. 41)

Considerando a proposta de Marx, compreende-se que o trabalho se converte em mercadoria como qualquer outra, em que o capitalista adquiriria uma possibilidade de obter lucro. A produção artística deveria ser o objetivo em si, e não uma forma de mercadoria, caso contrário, ela perderia seu objetivo de alcançar a própria liberdade.

Durante muitos anos, Breton defendeu, em relação à produção artística, o direito daquele que produz de dispor de suas particularidades, sem necessidade de uma ordem para produzir.

Mesmo em sua trajetória dentro do Partido Comunista Francês, ele combateu de frente as propostas do realismo-socialista, no interior da própria AEAR. De modo que pudesse preservar a integridade da pesquisa artística, como ele afirma em seu relato sobre a visita a Leon Trotsky, para que a produção artística continue sendo um fim, jamais tornando-se um meio.

Breton e Trotsky finalizam seu manifesto desejando a independência da arte para a revolução, e a revolução, para a liberação definitiva da arte. Deixando claro a necessidade da existência da total licença para a arte, exceto contra a revolução proletária.

Considerações finais

O movimento surrealista foi um dos movimentos artísticos mais marcantes do século XX. Seu criador, André Breton, propôs, através das práticas do movimento, explorar o inconsciente dos indivíduos, a fim de trazer à realidade vivida todos os verdadeiros sentimentos primitivos, que são reprimidos e considerados imorais pela sociedade ocidental burguesa, buscando construir uma nova forma de linguagem artística, rompendo com os padrões estéticos produzidos até o momento.

O século XX foi marcado por grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, em decorrência das guerras que assolaram o mundo e das diversas crises que geraram na população um sentimento de medo e revolta. Nesse cenário, Breton e seus companheiros almejavam, partindo de suas obras, a emancipação social de homens e mulheres, e, com isto, contribuir, de alguma maneira, à promoção do proletário e da Revolução Social, interligando as ideias empregadas no Surrealismo às teorias e conceitos encontrados em algumas obras de Karl Marx e do ex-líder do Exército Vermelho, Leon Trotsky.

A ideia de revolução é expressa considerando a arte e a literatura como meios de alcançar a liberdade definitiva do ser humano, pressupondo a revolta absoluta contra as instituições sociais, discursos morais e normas impostas para a população. Neste sentido, os artistas, poetas e intelectuais surrealistas estavam unidos com o propósito de denunciar os abusos e censuras cometidos pela burguesia, que era responsável por limitar a criatividade intelectual dos indivíduos e impedir que as pessoas tivessem uma vida feliz e plena.

Sob a História da Leitura, teoria que norteou esta pesquisa, foi possível entender que a prática da leitura se entende como uma apropriação do texto, onde o universo do texto encontra-se com a realidade vivida pelo leitor. Roger Chartier (1992) reitera que quando há essa ligação de leitor e texto, a interpretação da obra lida finaliza-se na interpretação do eu próprio.

Constatou-se, então, a influência da prática da leitura para a gênese do pensamento revolucionário surrealista. Breton, responsável pela criação do movimento e de suas práticas, baseou-se no materialismo histórico, conceitualizado por Karl Marx, e na teoria da Revolução

Permanente, pensada por Trotsky, e a partir da apropriação dessas teorias, as transformou e as adaptou para a prática surrealista, gerando, assim, parte das crenças de viés revolucionárias empregadas no grupo.

Neste sentido, conclui-se que o Surrealismo se tornou o que conhecemos hoje graças às apropriações feitas por André Breton, e por seus companheiros, de diversas obras literárias e teóricas de autores diferentes, que juntos colaboraram para a criação do pensamento do movimento.

Referências bibliográficas

ALEXANDRIAN, Sarane. **O Surrealismo**. São Paulo: Verbo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BONNET, Marguerite. **Trotsky e Breton**. 1975. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/bonnet/1975/mes/trotsky-e-breton.htm>>. Acesso em: 29 set. 2017.

BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Leon Trotsky: Lenin. **La Revolution Surréaliste**, Paris, n. 5, p. 29, out. 1925.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org). **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. cap. 6, p. 211-228.

COUTO, José Geraldo. **André Breton**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA, Anderson da. Surrealismo e Marxismo: a necessidade contra o desejo de ortodoxia. **Tabuleiro das Letras**, [s. L.], n. 6, p.1-19, jun. 2013.

FACIOLI, Valentin (org). **Por uma arte revolucionária independente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HELLMANN, Risolette Maria. A trajetória da arte surrealista. **Nupem**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p.119-131, jan./jun. 2012.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HUNT, E.K.; SHERMAN, Howard J.. As Doutrinas Socialistas: a Teoria Econômica de Marx. In: _____. **História do pensamento econômico**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. cap. 6, p. 91-106.

LÖWY, Michael. **A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Escala, 2009.

NETTO, José Paulo. **O que é stalinismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVERI, Rita. Surrealismo e Marxismo na obra de André Breton. **Sitienbus**, Feira de Santana, 2(4), p.57-66, jan./jun. 1984.

QUERIDO, Fabio Mascaro. Romântico, moderno e revolucionário: O surrealismo e os paradoxos da modernidade. **Cadernos de Campo**, Campinas, v. 14, p.81-97, 2011.

REBOUÇAS, Maria de Vasconcelos. **Surrealismo**. São Paulo: Ática, 1986.

TROTSKY, Leon. **Revolução Permanente**. São Paulo: Ciências Humanas LTDA, 1979.